

A NARRATIVA DA DIFERENÇA E O USO DE FALSAS MEMÓRIAS EM IRENEU DE LYON – SÉCULO II E.C.

Nathalie Drumond Alves do Amaral¹

RESUMO

Nos escritos paleocristãos do século II d.C é perceptível o uso da memória e identidade nas relações de poder. Em seu discurso *Adversus Haereses*, o bispo Ireneu de Lyon apresenta de forma estratégica uma visão homogênea deste movimento através do uso de falsas memórias. Assim, este busca redefinir as percepções diferentes da sua interpretação cristã como heréticas e, conseqüentemente, pagãs.

Palavras-chave: Cristianismos; Ireneu de Lyon; Heresia; Identidade; Memória.

O cisma ocorrido na comunidade cristã romana em 150 E.C. por conta de sua sucessão episcopal, trouxe novos arranjos discursivos em meio aos paleocristianismos existentes. Na *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia, documento posterior ao período, é narrado este fato apresentando a figura do egípcio Valentino como líder dos dissidentes. Devido à sua crescente influência na capital do Império, este esperava ser indicado para assumir como bispo nesta comunidade paleocristã. Contudo, tendo Pio I assumido esta função devido ao martírio sofrido, surge uma tensão nas relações de poder, o qual era observado, principalmente, na variedade de escritos que circulam nas comunidades.

Neste cenário de diversidade se configuram eixos interpretativos sobre os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Assim, podemos destacar o eixo Roma-Gália-Norte da África, do qual Ireneu de Lyon é representante, e outras várias interpretações paleocristãs que também possuíam seu grau de influência perante as comunidades,

¹ Nathalie Drumond Alves do Amaral é mestrandia pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Orientanda da Dra. Renata Rozental Sancovsky, pesquisa sobre os paleocristianismos do século II EC e suas tensões discursivas, temática presente em seu projeto intitulado “Irmãos de fé, irmãos hereges: a narrativa da diferença em Ireneu de Lyon - século II EC”. Email para contato: nathalieamaral25@gmail.com

mas que foram combatidas de forma contundente na obra *Adversus Haereses* escrita entre 177-190 E.C. Neste sentido, há uma série de escritos em circulação, os quais expõem o caráter diverso do movimento cristão.

Em meio a uma busca de legitimação discursiva, forças intelectuais conferem ao poder da sacralização um lugar de destaque nas relações de poder. Neste sentido, podemos destacar atitudes como a de Marcion. Filho do bispo de Sinope, na província do Ponto, foi levantado a presbítero e depois excomungado pelo pai por conta de suas afirmativas, sendo acusado de fazer distinção entre o Deus dos judeus e o Deus cristão. Indo posteriormente para Roma, tenta se reaproximar da igreja, fazendo-lhe uma doação. Contudo, seu discurso contra a linha judaizante também desagradou os presbíteros romanos, os quais se reúnem no ano de 144 E.C. e repudiam sua doutrina, além de devolverem sua doação e banirem Marcion da comunidade. Diante desta situação, este reúne seus seguidores e estabelece perante seus discípulos o contato com escritos cristãos específicos.

Ao estabelecer perante seus seguidores um cânon cristão, demonstra uma preocupação em sacralizar sua percepção sobre a figura de Jesus de Nazaré. Segundo Ireneu de Lyon, Marcion

mutilou o evangelho segundo Lucas, eliminando tudo o que se refere à geração do Senhor e expungindo muitas passagens dos ensinamentos do Senhor nas quais este reconhece abertamente como seu Pai o criador do universo. Fez crer aos seus discípulos ser ele mais verídicos do que os apóstolos que transmitiram o evangelho, mas uma parte do evangelho. Da mesma forma mutila as cartas do apóstolo Paulo eliminando todos os textos em que se afirma claramente que o Deus que criou o mundo é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e também as passagens onde o Apóstolo lembra as profecias que prenunciavam a vinda do Senhor (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* I, 27,2).

Neste sentido, um determinado tipo de discurso é estabelecido a partir de meados do século II por parte do grupo ligado à comunidade romana com o objetivo de estabelecer, ou melhor, de construir um discurso ideal de unidade cristã. Sendo este um tipo de estratégia, ou melhor, de uso político do discurso religioso, bispos

como Ireneu de Lyon em sua obra *Adversus Haereses* irão demonstrar em seus escritos uma intencionalidade: combater a divergência que marca de forma contundente o paleocristianismo.

1. CONTRA A DIVERSIDADE

A obra *Adversus Haereses* é escrita num momento singular. Com o martírio do bispo Potino ocorrido durante a perseguição aos cristãos da Gália em 177 E.C., Ireneu o substitui, tornando-se responsável pelas comunidades desta região. A perseguição imperial aos cristãos, sendo inicialmente fruto de denúncias particulares, recrudescer fortemente e, em meio à sua recente ascensão à função episcopal, Ireneu escreve esta obra.

Ao se dedicar à pesquisa e à instrução através da elaboração de um material de consulta, o *Adversus Haereses*, objetivava explicar ao seu “amigo” não especificado nesta obra, sobre as doutrinas defendidas pelos discípulos de Valentino, entre os quais Marcion estaria inserido. Sua preocupação não se voltara para fora do movimento paleocristão, mas para suas divergências interpretativas em meio às comunidades.

Ao observar esta fonte, algumas preocupações são diretamente expostas no discurso do bispo Ireneu:

Alguns, ao rejeitarem a verdade, apresentam discursos mentirosos e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que a construção do edifício de Deus pela fé no dizer do Apóstolo – e, por astuta aparência de verdade, seduzem a mente dos inexpertos e escravizam-nos, falsificando as palavras do Senhor, tornando-se maus intérpretes do que foi corretamente expresso. (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* I, Pr.1).

E prossegue:

O erro, com efeito, não se mostra tal como é para não ficar evidente ao ser descoberto. Adornando-se fraudulentamente de plausibilidade, apresenta-se diante dos mais ignorantes, justamente por esta aparência exterior, - é até ridículo dizê-lo - como mais verdadeiro do que a própria verdade. Como foi dito, acerca disso, por alguém superior a nós: uma pedra preciosa, a esmeralda, que tem grande valor aos olhos de muitos, perde o seu valor diante de artística falsificação de vidro até não se achar alguém conhecedor que a examine e desmascare a fraude. Quem poderá facilmente

detectar a *mistura* de cobre e prata a não ser o *experto*? Ora, nós não queremos que por nossa culpa alguns sejam raptados como ovelhas pelos lobos, enganadas pelas peles de ovelhas com que se camuflam. *Esses, de quem o Senhor nos ordenou nos guardar, esses, que falam como nós, mas pensam diferentemente de nós.* Eis por que, depois de ter lido os comentários dos discípulos de Valentim - como eles se denominam – depois de manifestar-te, meu caríssimo amigo, os prodigiosos e profundos mistérios, que nem todos entendem, porque não renunciaram ao intelecto, para que tu, informado acerca destas doutrinas, as dês a conhecer aos que estão contigo e as leves a *tomar cuidado diante do abismo de irracionalidade e de blasfêmia contra Deus.* À medida de nossa capacidade mostrar-te-emos, com poucas e claras palavras, a doutrina dos que, neste momento, *ensinam de maneira diferente da nossa*; quero dizer de Ptolomeu e dos que lhe estão à volta, cuja doutrina é como que a flor da escola de Valentim. Com nossas mediócras possibilidades, *forneceremos os meios para refutá-las*, mostrando que o que dizem é *absurdo, inconsistente e oposto à verdade.* (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* I, Pr. 2, grifo nosso).

Observando o prefácio desta obra, Ireneu define seu escrito como uma espécie de manual de refutação, partindo do entendimento que seu grupo religioso, ligado à comunidade romana, detém a correta interpretação sobre os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Usando um método dialético, demonstra uma tensão entre a “verdade” e a “falsificação”. Neste sentido, demonstra que as narrativas consideradas heréticas possuíam pontos de aproximação com o discurso de seu grupo, mas também conceitos considerados questionáveis e capazes de desvirtuar o que deveria ser, segundo sua interpretação, o pensar e o viver cristão.

O alvo principal de refutação seria o discurso desenvolvido na escola de Valentino, o qual teria influenciado vários grupos paleocristãos. Sendo esta linha de interpretação de significativa preocupação ao eixo romano, o bispo da Gália se posiciona, enquanto autoridade eclesiástica, contra o que este interpreta como heresia. Contudo, a utilização do termo *heresia* deve ser verificada.

Observando de forma comparada documentos cristãos dos dois primeiros séculos, podemos verificar um processo de resignificação deste termo. Estando presente tanto nos documentos canonizados quanto nos escritos patrísticos, o termo sofre uma variação relevante, a qual é utilizada na estratégia discursiva do bispo Ireneu.

Ainda interpretado como uma experiência judaica, o movimento dos seguidores de Jesus de Nazaré fora tratado, por muitas vezes, como um grupo de agitadores e descumpridores da Lei Mosaica. No livro de Atos dos Apóstolos 24.5, documento canonizado, podemos observar a seguinte acusação contra o apóstolo Paulo:

Quadro 1 – Comparativo de versões de Atos dos apóstolos 24.5

Bíblia - Versão	Texto
João Almeida Revista e Atualizada	peste e [que] promove sedições entre os judeus esparsos por todo mundo, sendo também o principal agitador da <u>seita</u> dos nazarenos
Bíblia Sagrada Ave Maria	Encontramos este homem, uma oeste, um indivíduo que fomenta discórdia entre os judeus no mundo inteiro. É um dos líderes da <u>seita</u> dos nazarenos
Bíblia de Jerusalém	Verificamos que este homem é uma peste: ele suscita conflitos entre todos os judeus do mundo inteiro, e é um dos da linha-de-frente da <u>seita</u> dos nazarenos
Novo Testamento Interlinear Grego- Português	Ευροντες γαρ τον ανδρα τουτον λοιμον και κινουντα στασεις πασιν τοις Ιουδαιοις τοις κατα την οικουμενεν πρωτοστατην τε των Ναζωρων <u>αιρεσεως</u>
Bíblia Sacra Vulgata	<i>Invenimus hunc hominem pestiferum et concitantem seditiones omnibus Iudaeis in universo orbe et auctorem seditionis <u>sectae</u> Nazarenorum</i>

Fonte: Próprio autor

Fazendo uma análise do quadro acima, é possível perceber que as versões apresentadas em português deste texto canonizado do primeiro século apresentam o termo *seita*, colocado em destaque, seguindo uma aproximação com a tradução da Vulgata, a qual usa o termo *sectae*. Contudo, faz-se importante observar também o idioma grego, no qual o documento fora escrito.

Como fora exposto, o termo grego *αιρεσεως* quando traduzido para o latim, recebe como seu significado equivalente o termo *sectae*. Segundo o Novo Testamento Interlinear Grego-Português, o termo grego *αιρεσεως* é transliterado para o português como *seita*. Porém, ao observar os termos *haereses* e *sectae* no Dicionário Escolar Latino-Português (FARIA, 1962) há um desdobramento desta relação conceitual entre

heresia-seita presente no grego do primeiro século em dois novos termos na tradução para o latim.

Primeiramente, vemos o termo *haereses* como *opinião, sistema, doutrina, seita*. Por outro lado, temos o termo *sectae* como *seita, escola (filosófica) linha de conduta política, partido, princípios práticos, método ou gênero de vida*. O texto canônico supracitado demonstra a utilização do termo grego, caracterizando o movimento dos Nazarenos como um grupo ainda compreendido como uma divergente experiência judaica, a qual possuía uma interpretação da Lei Mosaica não aceitável pela força sacerdotal. Contudo, o termo grego que no primeiro século foi utilizado para designar uma diversidade interna no judaísmo é reutilizado, ou melhor, resignificado na língua latina do final do século II, como se observa na obra de Ireneu de Lyon, para designar conflitos com forças externas ao movimento cristão.

Ao utilizar o título *Adversus Haereses* em sua obra, poder-se-ia pensar num discurso de refutação, tanto em relação às diversas visões sobre a figura de Jesus de Nazaré em meio às comunidades quanto ao ensino destas formas interpretativas. Contudo, a estratégia discursiva de Ireneu de Lyon iria além.

Com efeito, é esta a artimanha que usam os simuladores, os sedutores perversos e os hipócritas e é precisamente assim que agem os valentinianos. Eles fazem discursos ao povo com a finalidade de atingir que pertencem à Igreja, que eles chamam de gente comum ou gente de igreja, e assim enganam e atraem os mais simples, *simulando a nossa maneira de falar*, para que venham mais vezes a escutá-los. E se queixam de nós porque, *mesmo pensando como nós*, nós nos recusamos sem motivo, a estar em comunhão com eles: *dizem as mesmas coisas que nós, professam a mesma doutrina e, mesmo assim, os chamamos hereges!* (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* III, 15.2, grifo nosso).

No discurso de Ireneu de Lyon é perceptível um processo de construção do *outro*. O elemento denominado herege tem sua identidade cristã desconstruída por conta de suas divergências interpretativas, o que demonstra a tensão promovida por discursos patrísticos como o do bispo Ireneu de Lyon. Segundo Biget em seu verbete “Herege” na obra *Cristianismo: dicionário dos tempos, dos lugares e das figuras*

(VAUCHEZ, 1993, p.183), “o herege, sem nenhuma dúvida, motivado por uma angústia espiritual, aparece, então, como um agente maior de subversão e é objeto de uma repressão vigorosa”.

No discurso apresentado em relação aos Valentinianos, por exemplo, duas visões são percebidas. Enquanto o grupo ligado à escola de Valentino se percebe com o mesmo discurso do eixo romano, o bispo da Gália atribui a eles uma estratégica falsidade discursiva que objetivava ampliar sua influência em meio às comunidades paleocristãs.

Ao utilizar o termo *herege* como algo enganoso ou fora da experiência cristã, Ireneu de Lyon não apenas se preocupa em redefinir o que é ser um cristão. A preocupação em determinar quem tinha a autoridade para distinguir entre um discurso considerado “legítimo” de outros que destoavam do promovido pelo eixo das comunidades ligadas aos romanos também se faziam presentes.

Observando esta amplitude de discursos presentes em meio aos paleocristianismos, uma tensão constante é apresentada tanto com a sacralização de diversos documentos e tentativas canônicas quanto nos escritos apologéticos. No discurso de *Adversus Haereses*, verifica-se não apenas a existência de variedades interpretativas sobre Jesus de Nazaré, mas também um projeto de resignificação cristã.

Em seu discurso homogeneizante, por um lado, trata o eixo romano como o representante legítimo de uma tradição apostólica. Por outro lado, trabalha em bloco várias manifestações cristãs igualmente legítimas como um movimento inicialmente herético, ou seja, fora da compreensão romana de cristianismo e, conseqüentemente, pagão.

Em meio a esta tensão dialética provocada por Ireneu onde a variedade dos discursos paleocristãos são apresentados como “cristãos legítimos” e “gnósticos”, um projeto de identidade e memória é traçado. Não bastava apenas reconstruir o discurso

de um grupo, no caso o romano, como o discurso de um todo cristão. A diversidade paleocristã deveria ser rememorada não como uma celebração à diferença, mas como algo a ser revisto.

No jogo da memória utilizado por Ireneu, tanto as formas de lembrar como as formas de esquecer eram instrumentos de poder. Sua intenção não era apenas combater discursos contrários ao seu grupo, mas destiná-los ao esquecimento enquanto manifestação cristã, resignificando assim sua identidade de maneira que fossem percebidos como opositores não do discurso romano, mas da “verdade” cristã.

2. IDENTIDADE E MEMÓRIA

Defensor de uma tradição apostólica atribuída ao seu grupo ministerial, Ireneu se utiliza deste conceito para combater aqueles que não se submetem à autoridade desta “herança”, da qual este alega ser um dos representantes. Preocupado em proporcionar uma rememoração que redirecionasse, ou melhor, definisse uma identidade cristã, Ireneu trabalha com o que Aleida Assmann define como *active remembering*.

Observando o processo de construção da memória cristã presente na obra *Adversus Haereses* de Ireneu, deve-se desconstruir a áurea canônica dos textos cristãos de referência. Analisando-os juntamente com os documentos não canonizados, torna-se possível perceber as multiformes correntes de pensamento e interpretações sobre Jesus de Nazaré.

Caminhando entre uma percepção ideal e real de cristianismo, Ireneu se utiliza das expectativas romanas sobre as comunidades, colocando-as como ocorrências cotidianas e não como esperanças em construção. Neste sentido, várias memórias falsas são inseridas em sua obra, provocando no leitor uma percepção distorcida de como as comunidades paleocristãs se comportavam e como se dava o relacionamento entre os diversos grupos existentes.

A função episcopal de Ireneu simbolizava autoridade. Em seu exercício, este poderia orientar fiéis e influenciar parceiros de ministério. Sendo a lembrança uma “tarefa religiosa fundamental” (LE GOFF, 1990, p. 443), este enquanto bispo tinha o poder de levar seus subordinados ou iguais a interpretarem o cristianismo de acordo com suas expectativas, fazendo-os calcar suas experiências e direcionar sua forma de agir e de ver o mundo de acordo com o que fora ensinado por esta figura de autoridade.

Em relação ao poder de influência presente em uma comunidade, Jan Assmann (2009, p.4) salienta que *“is possible for someone to believe in all sincerity that he has experienced something which in reality he has only read or heard about and absorbed in the course of collective communicative processes”*. Neste sentido, seria possível uma autoridade influenciar uma coletividade de tal maneira que esta passasse a acreditar e até mesmo lembrar de fatos que nunca ocorreram como se fossem reais e pertencentes à sua história? Para analisarmos esta possibilidade, será necessário avançar para uma análise interdisciplinar.

A Dra. Elisabeth Loftus, da Universidade da Califórnia, possui um significativo trabalho na área psicológica sobre o estudo de falsas memórias. Voltando sua pesquisa para o estudo da memória humana, em sua obra *“Eyewitness Testimony”* de 1979, demonstrou através da análise de depoimentos feitos por testemunhas perante o sistema judiciário americano, que é possível inserir falsas memórias na mente humana. Em seu artigo intitulado *“Creating False Memories”*, a pesquisadora afirma que

FALSE MEMORIES are often created by combining actual memories with suggestions received from others. (...) False memories also can be induced when a person is encouraged to imagine experiencing specific events without worrying about whether they really happened or not. (LOFTUS, 1997, P.71).

Demonstrando os resultados de sua análise, salienta que, dependendo das circunstâncias em que a pessoa for exposta ao erro, a mente humana pode absorver a lembrança enxertada por uma figura de autoridade, seja na vida cotidiana ou por um profissional da área de psicologia através de sugestão ou hipnose, e ainda reorganizar

lembranças reais de maneira que as informações se recombinem. Assim, a falsa memória é inserida e tratada como um fato pertencente ao histórico do ser, estando assim presente em suas lembranças.

People can be led to remember their past in different ways, and they can even be led to remember entire events that never actually happened to them. When these sorts of distortions occur, people are sometimes confident in their distance for false memories, and often go on to describe the pseudomemories in substantial detail. This findings shed light on cases in which false memories are fervently held – as in when people remember things that are biological or geographically impossible. The findings do not, however, give us the ability to reliably distinguish between real and false memories, for without independent corroboration, such distinctions are generally not possible. (LOFTUS, 1995, p. 725).

Trazendo esta análise sobre a ação da memória no indivíduo, de perspectiva psicológica, para uma observação histórica em relação ao uso da memória como um mecanismo de poder cultural em meio a uma comunidade, algumas questões deverão ser mais aprofundadas. Considerando a relação de autoridade que o bispo Ireneu de Lyon tinha não só entre seus iguais, mas também perante a comunidade, é perceptível que este teria força não apenas para influenciar cristãos para se posicionarem a favor ou contra determinado grupo.

Utilizando-se de um discurso ideal, Ireneu poderia suggestionar a comunidade de fiéis a compreenderem os fatos de forma diferente da sua realidade histórica, influenciando-os a rememorar o passado cristão de maneira que este fosse projetado sob a ótica ortodoxa. Assim, caberia aos cristãos dissidentes serem lembrados não mais como cristãos, mas como “perversos doutores” e hereges imorais que pregavam uma fé diferente do ensinado pelos apóstolos.

Portanto, para percebermos estas questões sobre o uso de falsas memórias para provocar uma reidentificação no paleocristianismo é preciso observar algumas falas de Ireneu que demonstrarão tal estratégia discursiva. Em meio aos diversos cristianismos presentes neste período demonstrados nesta pesquisa, Ireneu defende haver um único discurso cristão existente entre as igrejas:

Assim, embora pelo mundo sejam diferentes as línguas, *o conteúdo da tradição é um só e idêntico. As Igrejas fundadas na Germânia não crêem e não ensinam de modo diferente, nem as da Ibéria, nem as dos celtas, nem as do Oriente, nem as do Egito, nem as da Líbia, nem as estabelecidas no centro do mundo*; mas como o sol, criatura de Deus, é em todo o mundo um só e o mesmo, assim a luz da pregação da verdade brilha em todo lugar e ilumina todos os homens que querem chegar ao conhecimento da verdade. E nem o que tem maior capacidade em falar, dentre os que presidem às Igrejas, dirá algo diferente, porque ninguém está acima do Mestre; nem quem tem dificuldade e, expressar-se inferioriza a Tradição. Sendo a fé uma só e a mesma, nem quem pode dizer muito sobre ela a amplia, nem quem pode falar menos a diminui. (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* I, 10.2, grifo nosso).

Neste discurso é possível observar o uso da idealização como realidade histórica. Contudo, é possível verificar em escritos posteriores, no caso, em seu Livro III da série *Contra as Heresias*, que havia uma expectativa do eixo romano de conduzir o cristianismo a uma homogeneidade liderada por este grupo. Porém, longe de representar o processo em andamento, este grupo buscava intervir perante as aparentes dissidências para que a diversidade presente nas comunidades fosse tolhida através do discurso de retorno à tradição apostólica:

No pontificado de Clemente surgiram divergências graves entre os irmãos de Corinto. Então a Igreja de Roma enviou aos coríntios uma carta importantíssima para reuni-los na paz, reavivar-lhes a fé e reconfirmar a tradição que há pouco tempo tinha recebido dos apóstolos, isto é, a fé num único Deus todo-poderoso, que fez o céu e a terra [...]. Esta é a demonstração mais plena de que é uma e idêntica a fé vivificante que, fielmente, foi conservada e transmitida, na Igreja, desde os apóstolos até agora. (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* III, 3.3)

A informação trazida pelo próprio bispo de que a comunidade cristã em Corinto passava por um processo de divergências doutrinárias e até morais não era novidade. Paulo de Tarso já falara sobre a questão ainda no século I em sua Primeira Epístola aos Coríntios:

peço[2] E[1] a vós, irmãos, por o nome do Senhor[2] nosso[1] Jesus Cristo, para que o mesmo faleis todos e não haja entre vós divisões, sejais[2] mas[1] unidos em a mesma mente e em o mesmo parecer. foi informado[2] Pois[1] a mim acerca de vós, irmãos meus, por os de Cloé que discórdias entre vós existem. digo[2] E[1] isto, que cada um de vós diz: Eu por um lado sou de Paulo, eu por outro lado de Apolo,

eu[2] e[1] de Cefas, eu[2] [1] de Cristo. Está dividido o Cristo? Não Paulo foi crucificado por vós, ou em o nome de Paulo fostes batizados? (NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS, 1 Coríntios 1.10-14).

E prossegue em sua advertência aos coríntios acerca das questões morais:

De fato se ouve (existir) entre vós imoralidade sexual, e tal imoralidade sexual a qual nem entre os gentios (existe), a ponto de (a) esposa[3] alguém[1] do[4] pai[5] ter[2]. E vós orgulhosos[2] estais[1] e não antes lamentastes, para que fosse tirado de (o) meio de vós o obra[3] esta[2] que fez[1]? eu[2] Pois[1], ausente no corpo presente[2] mas[1] no espírito, já julguei como (que) presente o que assim isto praticou: Em o nome do Senhor[2] [nosso]{1} Jesus, reunidos vós e o meu espírito com o poder do Senhor[2] nosso[1] Jesus, entregar o tal a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo em o dia do Senhor. Não (é) bom o orgulho[2] vosso[1]. Não sabeis que pouco fermento toda a massa fermenta? Lançai fora o velho[2] fermento[1], para que sejais nova massa, como sois *asmos*; também[2] pois[1] a páscoa[2] nossa[1] foi imolada, Cristo. Assim que celebremos a festa não com fermento velho nem com fermento de malícia e de maldade mas com (os) *asmos* de sinceridade e de verdade.

Escrevi a vós em a carta não (vos) associardes com imorais, não certamente os imorais mundo[2] deste[1] ou os avarentos e roubadores ou idólatras, pois deveríeis então de o mundo sair. agora[2] E[1] escrevi a vós não (vos) associardes se alguém irmão[2] chamado[1] for imoral ou avarento ou idólatra ou difamador ou beberrão ou roubador, um tal[3] nem[1] comer com[2]. o que Pois[1] para mim os de fora julgar? Não os de dentro vós julgais? os[2] Mas[1] de fora Deus julgará. Expulsai o mau dentro de vós mesmos. (NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS, 1 Coríntios 5).

Considerando os esforços para conter a diversidade presente nas comunidades, Ireneu busca influenciar a liderança do eixo romano a reproduzir um discurso que conduziria, a médio e longo prazo, a percepção dos grupos dissidentes como não cristãos. A Dra. Elisabeth Loftus em seu estudo comprova que é possível inserir falsas memórias na mente humana de forma que o indivíduo venha a reproduzi-las com plena convicção de sua realidade. Trazendo para o âmbito comunitário, significava convencer o coletivo de que ser cristão era seguir a defesa do discurso apresentado pelo eixo romano e promover o avanço desse bloco, o qual se encontrava de forma mais “hegemônica” em Roma, na Gália e no norte da África. Retirando a roupagem cristã de seus opositores, conseqüentemente, estes seriam observados pelas comunidades como um elemento estranho à sua fé e não passíveis de serem ouvidos.

Essa unidade ideal, mas longe de ser real, foi reiterada por diversas vezes no discurso de Ireneu contra seus irmãos de fé cristã que não tinham a mesma percepção de seu cristianismo. Nesta luta pela supremacia intelectual do movimento cristão, o ataque passara do campo doutrinário para o pessoal. Ireneu, inclusive, demonstra ambiguidade quanto ao tipo de tratamento que os demais grupos cristãos deveriam receber de seus parceiros ministeriais.

Em sua obra, apresenta seu grupo como um conjunto de legítimos cristãos preocupados em resgatar seus irmãos de fé. Embebidos de influências helênicas e, portanto, tendo interpretações que poderiam comprometer sua fé em Jesus, os chamados gnósticos deveriam ser o alvo de oração da igreja:

Quanto a nós, rezamos para que não permaneçam na fossa que cavaram para si mesmos, se separem de tal Mãe, saiam do Abismo, se afastem do vazio, abandonem as trevas, sejam gerados como filhos legítimos, convertendo-se à Igreja de Deus, o Cristo seja formado neles, conheçam o Criador e o Autor deste universo como único verdadeiro Deus, Senhor de todas as coisas. Esta é a nossa oração para eles e com isso os amamos realmente muito mais do que eles julgam amar a si mesmos. O nosso amor, sendo verdadeiro, lhes é proveitoso se o aceitarem; parece-se a remédio doloroso que faz desaparecer a carne inútil e supérflua da ferida: expele-lhes o orgulho e a presunção. Por isso não nos cansamos e continuaremos a estender-lhes as mãos. (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* III, 25.7).

Mantendo o discurso ideal de que existe uma hegemonia cristã na “Igreja de Deus”, afirma sua preocupação e amor para com estes irmãos que se afastaram da convivência comunitária. Este era o discurso a ser reproduzido como uma falsa maneira de lembrar o processo. Na realidade, a violência com a qual o eixo romano trata os dissidentes demonstra a tensão existente neste embate intelectual.

CONCLUSÃO

No processo de construção do outro empregado na obra *Adversus Haereses* de Ireneu de Lyon, há uma resignificação do termo heresia. Sendo um conceito utilizado para denunciar a diversidade interpretativa de um mesmo movimento, como fora utilizado

nos documentos canônicos do primeiro século, no final do segundo século este termo é reapropriado.

No final do segundo século, Ireneu de Lyon utiliza o termo *haereses* para tratar a divergência como um bloco não cristão. Neste sentido, o bispo da Gália não apenas reidentifica comunidades inteiras como tenta homogeneizar os vários movimentos que desejava combater. Nesta estratégia discursiva em que cristãos se transformam em gnósticos e a diversidade fora homogeneizada, o eixo romano que representa expressões cristãs tão legítimas como as demais, arroga para si a totalidade da representação cristã e, assim, demonstrando o seu caráter opressor perante as demais interpretações sobre Jesus de Nazaré.

Neste esforço para rotular seus irmãos opositores de hereges, Ireneu afirma que estes *“reconhecem um só Deus, mas subvertem perversamente este conceito, mal-gradecidos para com o Criador, assim como o são os pagãos com sua idolatria”* (IRENEU DE LYON, *Adv. Haer.* I, 22.1). Fazendo comparações aos pagãos e politeístas, seu grupo buscava retirar dos dissidentes qualquer legitimidade que possibilitasse futuras disputas por funções episcopais na igreja.

De um discurso em que as orações falavam em amor e numa prática em que o ataque e a repulsa se faziam presentes, observa-se este vigor em desconstruir através de falsas informações, a identidade cristã presente dos grupos divergentes. Este era um ataque à sua cultura, sua memória, seus escritos e seus discursos. Nesta luta entre “irmãos de fé”, a intolerância com o diferente estava presente. Assim, a solução encontrada para combater a influente oposição cristã foi provocar um processo de estranhamento.

Através da reidentificação dos divergentes mediante a inserção de falsas memórias, estas poderiam ser massificadas perante as comunidades através de seus líderes e injetadas em suas lembranças como uma realidade histórica, segundo a visão do eixo romano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTAÇÃO

A BIBLIOTECA DE HAG HAMMADI. Intr. James M. Robinson, Trad. Theodore Lorent, 3ª ed. São Paulo: Madras, 2014.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SACRA VULGATA. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA SAGRADA AVE-MARIA. Embu: Editora Ave-Maria, 2011.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. História eclesiástica: os primeiros quatro Séculos da Igreja Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

IRENEU DE LIÃO. Contra as heresias. Trad. Lourenço Costa. Col. Patrística, vol.4. São Paulo: Paulus, 1995.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BIBLIOGRAFIA

ASSMANN, Aleida. Canon and archive. IN.: Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook / edited by Astrid Erll, Ansgar Nünning. Berlim: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2008.

ASSMANN, Jan. Religion and cultural memory: tem studies. Trad. Rodney Livingstone. Stanford: Stanford University Press, 2006.

_____. Communicative and Cultural memory. IN.: Cultural memory studies : an international and interdisciplinary handbook / edited by Astrid Erll, Ansgar Nünning, 2008.

CHEVITARESE, André Leonardo. Cristianismos. Questões e debates metodológicos. Rio de Janeiro: Kliné, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo E CORNELLI, Gabriele. Judaísmo, cristianismo e helenismo: ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

FIORILLO, Marília. O Deus Exilado: breve história de uma heresia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1990.

LOFTUS, Elisabeth F.. Our changeable memories: legal and practical implications. Nature Reviews/Neuroscience. Vol. 4, march. 2003.

_____. Make-Believe Memories. American Psychologist, 1995.

_____. The formation of false memories. Psychiatric Annals. 1995.

_____. Creating false memories. Scientific American. 1997.

PAGELS, Elaine H. The gnostic gospels. New York: Random House, 1979.

VAUCHEZ, André. Cristianismo: dicionário dos tempos, dos lugares e das figuras. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2013.